



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ROSILENE FERNANDES ADRIANO

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA
FORMAÇÃO PESSOAL, PROFISSIONAL E SOCIAL DOS INDIVÍDUOS**

**GUARABIRA-PB
2025**

ROSILENE FERNANDES ADRIANO

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA
FORMAÇÃO PESSOAL, PROFISSIONAL E SOCIAL DOS INDIVÍDUOS**

Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba – Campus III como requisito para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Área de Concentração: Educação

Orientador(a): Prof. Dra. Mayanne Júlia Tomaz Freitas

**GUARABIRA-PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A243i Adriano, Rosilene Fernandes.

A importância da educação de jovens e adultos (EJA) na formação pessoal, profissional e social dos indivíduos [manuscrito] / Rosilene Fernandes Adriano. - 2025.
30 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Mayanne Júlia Tomaz Freitas, Departamento de Educação - CH".

1. Educação popular. 2. Políticas públicas. 3. Alfabetização.
4. Educação de jovens e adultos. I. Título

21. ed. CDD 374.012

ROSILENE FERNANDES ADRIANO

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA
FORMAÇÃO PESSOAL, PROFISSIONAL E SOCIAL DOS INDIVÍDUOS

Trabalho de Conclusão do Curso (Artigo)
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba – Campus III como requisito para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Área de Concentração: Educação

Aprovada em: **03/06/2025**

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MAYANNE JULIA TOMAZ FREITAS**
Data: 05/06/2025 21:13:33-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Orientadora: Profa. Dra. Mayanne Júlia Tomaz Freitas
Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente
 **IRANETE DE ARAUJO MEIRA**
Data: 05/06/2025 21:30:07-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinadora: Profa. Dra. Iranete de Araújo Meira
Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente
 **VERONICA PESSOA DA SILVA**
Data: 06/06/2025 10:36:37-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinadora: Profa. Dra. Verônica Pessôa da Silva
Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Esse trabalho a minha mãe, que ao longo desses cinco anos caminhou comigo por estradas turbulentas. Também às minhas irmãs que me enxergam como exemplo e, por fim, a minha avó Vera e meu avô Luiz, que foram meus exemplos de fortaleza, DEDICO.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos Participantes.....	22
---	-----------

LISTA DE SÍMBOLOS, SIGLAS E ABREVIATURAS

CONFINTEA – Conferência Internacional de Educação de Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FNDE – Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996)

MEB – Movimento de Educação de Base

MEP – Movimento de Educação Popular

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

ONGs – Organizações Não Governamentais

PAS – Programa Alfabetização Solidária

PNA – Plano Nacional de Alfabetização

PNLD – Plano Nacional do Livro Didático

PNE – Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014)

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	12
2.1 Educação de Jovens e Adultos e as Políticas Públicas de Alfabetização.....	12
2.2 Desafios e motivações na Alfabetização de Jovens e Adultos.....	14
2.3 A contribuição da Educação Popular na alfabetização de jovens e adultos.....	16
3 METODOLOGIA.....	18
3.1 Concepção e princípio norteador da Pesquisa.....	18
3.2 Objetivos.....	19
3.2.1 Objetivo Geral.....	19
3.2.2 Objetivos Específicos.....	19
3.3 Processo de produção dos dados.....	19
3.4 Procedimento para análise dos dados.....	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	20
4.1 Perfil Socioeconômico e Contexto Familiar: trajetórias de exclusão e retorno.....	20
4.2 Motivações e Expectativas.....	21
4.3. Desafios Contemporâneos e Impactos Transformadores.....	22
4.4 Redes de Apoio e Resistências.....	23
4.5 Políticas Públicas e Necessidades.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24
APÊNDICE A.....	30
APÊNDICE B.....	31

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA FORMAÇÃO PESSOAL, PROFISSIONAL E SOCIAL DOS INDIVÍDUOS

THE IMPORTANCE OF YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA) IN THE PERSONAL, PROFESSIONAL, AND SOCIAL DEVELOPMENT OF INDIVIDUALS

Rosilene Fernandes Adriano^{1*}
Mayanne Júlia Tomaz Freitas^{2*}

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da educação básica que se destina a jovens e adultos acima de 15 anos que não tiveram acesso e/ou não concluíram o Ensino. Este trabalho teve como objetivo analisar a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA), destacando seus impactos na formação pessoal, profissional e social, bem como compreender o que levou os mesmos a retornarem à caminhada escolar. Para isso, se desenvolveu uma pesquisa qualitativa com a realização de entrevistas semiestruturadas com dois estudantes da EJA como informantes-chave. Além disso, foi realizada uma verificação documental das principais diretrizes públicas para a educação de adultos no Brasil, por meio do Programa Brasil Alfabetizado, com base nos pensamentos freirianos. Os resultados demonstram que os estudantes da EJA ingressam motivados por razões pessoais, como querer aprender a ler ou escrever, aumentar sua autoestima por meio da educação ou simplesmente melhorar suas perspectivas de emprego. Todavia, eles também enfrentam enormes obstáculos, incluindo um segundo emprego fora do horário de trabalho, ostracismo social e baixa autoestima associada ao fato de ainda serem analfabetos. A pesquisa argumenta que a educação popular, com raízes em Paulo Freire e John Dewey, serve, principalmente, para reconhecer o conhecimento dos alunos, tornando o processo de aprendizagem um fenômeno mais significativo e humanizado. Foram as práticas educativas baseadas na vida dos alunos que se mostraram mais eficazes. O estudo conclui que as políticas públicas de alfabetização voltadas para jovens e adultos precisam ser fortalecidas, assim como os investimentos em um ensino que respeite suas histórias de vida, entregando uma educação libertadora, inclusiva e transformadora.

Palavras-Chave: Educação Popular; Políticas Públicas; Alfabetização; Educação de Jovens e Adultos.

^{1*} Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email: rosilene.adriano@aluno.uepb.edu.br

^{2*} Pedagoga, Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Professora Substituta da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email: mayanne.tomaz@servidor.uepb.edu.br

ABSTRACT

Youth and Adult Education (EJA) is a type of basic education aimed at young people and adults over the age of 15 who did not have access to and/or did not complete their education. This study aimed to analyze the importance of Youth and Adult Education (EJA), highlighting its impact on personal, professional and social development, as well as understanding what led them to return to school. To this end, a qualitative study was conducted with semi-structured interviews with two EJA students as key informants. In addition, a documentary review of the main public guidelines for adult education in Brazil was carried out through the Programa Brasil Alfabetizado, based on Freire's thinking. The results show that EJA students enroll motivated by personal reasons, such as wanting to learn to read or write, increase their self-esteem through education or simply improve their job prospects. However, they also face enormous obstacles, including a second job outside of working hours, social ostracism and low self-esteem associated with the fact that they are still illiterate. The research argues that popular education, with its roots in Paulo Freire and John Dewey, serves primarily to recognize students' knowledge, making the learning process a more meaningful and humanized phenomenon. Educational practices based on students' lives proved to be most effective. The study concludes that public literacy policies aimed at young people and adults need to be strengthened, as well as investments in education that respects their life stories, delivering a liberating, inclusive and transformative education.

Keywords: Popular Education; Public Policies; Literacy; Youth and Adult Education.

1 INTRODUÇÃO

O presente tema proposto neste trabalho foi pensado e idealizado através de observações e aprendizagens durante o componente curricular “Educação Popular”, no qual conheci um pouco sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) através dos relatos de experiência da Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva, então ministrante. Assim, como, através das minhas observações sobre a movimentação dos alunos da EJA indo para a escola a noite, por ser próximo a minha residência, consigo vê-los chegando e saindo da escola. Ademais, também tenho parentes que frequentam e fazem parte desse alunado e, vez ou outra, me contam suas experiências em sala de aula.

Desse modo, surgiu o interesse em pesquisar e conhecer as motivações que fazem essas pessoas saírem de suas casas, muitas vezes, cansadas das atividades cotidianas para irem à escola, e os desafios que os mesmos enfrentam durante o processo de aprendizagem, buscando compreender a forma como esses estudantes lidam com a educação tardia e quais as conquistas em termos de aprendizagem desde seu ingresso até o ciclo atual.

A EJA é compreendida como uma modalidade de ensino (Brasil, 1996) que surgiu, justamente, para diminuir o alto índice de analfabetismo no Brasil. Segundo o site de notícias Observatório da Educação (2024), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2024, cerca de 9,3 milhões de brasileiros ainda são analfabetos e, a grande maioria, com mais de 40 anos

chegando a 8,3 milhões de pessoas. Essa taxa era maior em 2023, com 9,6% caindo para 7,0% no ano atual, porém continua em alta no Nordeste, onde encontramos mais alta para idosos, pretos, pardos e indígenas (Alfano, 2024).

Sendo assim, a EJA proporciona oportunidades para as pessoas que não tiveram oportunidade de estudar o Ensino Fundamental e Médio enquanto crianças e adolescentes ou que não tiveram condições de continuar os estudos. Na maioria dos casos envolve o ingresso tardio que é motivado por questões de escolher entre o trabalho e a escola. Assim, os alunos da EJA buscam a educação de forma tardia, mas que impactam de alguma forma em suas vidas, seja socialmente ou profissionalmente. Essas reflexões são foco desta pesquisa, que visa utilizar relatos de experiência através de entrevistas com alunos e egressos da EJA.

Há diversos fatores que podem contribuir para os desafios durante o processo de alfabetização desses alunos, tais como: leitura e escrita, desmotivação, falta de apoio, sobrecarga durante o dia, principalmente para aqueles que trabalham uma carga horária extensa. No caso das mulheres, as que são mães, por muitas vezes, não têm apoio ou são tratadas como “submissa”, “escrava do lar”, devem servir integralmente ao marido e filhos, sem vida social. Além dos julgamentos das pessoas, pois a primeira crítica é “porque e/ou para quê estudar nessa idade? Vai servir para que?” ou, então, “não tem nada pra fazer em casa?, nem uma lavagem de roupa?”, com dizeres populares utilizados para desmotivar essas pessoas, principalmente mulheres.

Seguindo o conceito do nosso querido educador Paulo Freire, a experiência de alfabetizar pode ser vivenciada em 1960, partindo da educação libertadora a partir de círculos culturais e podendo ser explorada a partir da vivência cotidiana de cada pessoa (Freire, 2000). Assim como o teórico John Dewey (1971) que defende que a educação deve ser uma experiência prática e colaborativa, em que os estudantes aprendem fazendo e refletindo sobre suas ações, sugerindo que a aprendizagem deve estar conectada às experiências de vida dos educandos.

Em outras situações, durante as aulas de Educação Popular, no curso de Pedagogia, ouvi os relatos de experiências da Profa. Dra, Verônica Pessoa da Silva, que dizia que para alfabetizar seus alunos da EJA, usava de suas práticas cotidianas, um dos exemplos citados foi sobre como ela usou a palavra “panela” ou popularmente conhecida na região Nordeste, na Paraíba, “caçarola” para que suas alunas domésticas pudessem separar as sílabas, destrinchar a palavra sua utilidade no lar. Desse modo, é muito importante que o docente conheça a realidade de cada aluno, para que dessa forma facilite o ensino e aprendizagem desses, sejam, domésticas, garis, vendedores, agricultores, ou qualquer outra profissão, trabalhar com a realidade e instrumentos de uso diário e físico deles se torna mais eficaz.

Nesta perspectiva a pesquisa tem como questão central: Qual a relevância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na formação pessoal, profissional e social dos indivíduos? Assim, objetiva analisar a importância da EJA, destacando seus impactos na formação pessoal, profissional e social.

Este estudo organiza-se em cinco capítulos ou tópicos: o primeiro esta introdução que apresenta a problemática do estudo, a trajetória de estudantes da EJA e o impacto da alfabetização. O segundo apresenta o referencial teórico que aborda a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, contexto histórico e políticas públicas. O terceiro destaca o percurso metodológico mostrando o tipo

de pesquisa, seus resultados e as demais considerações acerca do tema. O quarto são os resultados da pesquisa, obtida por meio de entrevistas com os alunos e egressos. O quinto tece as conclusões do estudo, retomando a questão central e os objetivos, buscando respondê-los.

2 POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil surgiu com propósito de oferecer para as pessoas que não tiveram oportunidades de estudar, pudessem retornar à escola ou aos grupos e comunidades criadas com esse intuito, mas hoje, é grande a procura de jovens por essa modalidade, o que antes era mais visto como um lugar para pessoas de mais idades que perderam o acesso a educação enquanto crianças e jovens.

Contudo, apesar dos avanços da EJA, especialmente no campo da legislação, os índices de evasão ainda marcam a trajetória dessa modalidade educativa. Assim, uma pergunta importante, na compreensão desse fenômeno é: Quais seriam os motivos da evasão escolar desse público? E, também, de ingresso nessa modalidade para quem busca a educação tardia, como pessoas de idade avançada? Qual a responsabilidade do estado, enquanto indutor de política pública, na oferta com garantia de acesso, permanência e aprendizado nessa modalidade educativa?

2.1 Educação de Jovens e Adultos e as Políticas Públicas de Alfabetização

No Brasil, a prerrogativa da educação para jovens e adultos está na Constituição desde 1988. O Artigo 208 neste instante estabelece que o Estado deve ofertar ensino fundamental gratuito e digno a todos, estendendo-se, portanto, aos que não tiveram a oportunidade de estudar (Brasil, 1988). Essa responsabilidade ganhou intensidade em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei nº 9.394), a qual proporcionou, em seu Art. 4º, uma educação pautada para a realidade de quem trabalha e estuda, garantindo não só a oportunidade de estudar, mas ainda condições para seguir estudando (Brasil, 1996).

Mas, como esse direito saiu do papel? O momento crucial foi em 1997, durante a V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFITEA), em Hamburgo, época em que o Brasil assumiu o dever de diminuir em mais da metade os índices de analfabetismo (Di Pierro, 2006). Nesse mesmo ano, surgiu o Programa Alfabetização Solidária (PAS), uma iniciativa do presidente Fernando Henrique Cardoso no qual forneceu alfabetização a comunidades com pouca infraestrutura, levando a educação não só por base na leitura e escrita, mas ainda sobre assuntos como cidadania e como direito (Barreyro, 2010).

O ano de 2003 trouxe outro marco: o Programa Brasil Alfabetizado, criado no primeiro mandato do governo Lula. Dessa vez, o foco estava nas regiões com os maiores índices de analfabetismo, com formação de professores e investimento direto onde era mais necessário (Brasil, 2003). Os objetivos alcançados: em 2014, por meio do Plano Nacional de Educação (PNE - Lei nº 13.005), que alavancou as ambições, estabelecendo como objetivo extinguir com o analfabetismo e acrescentar as chances de estudo para jovens e adultos (Brasil, 2014). Como destaca Romão (2002, p.44):

A avaliação educacional, a visão de mundo do autor é mediatizada por uma concepção de educação que, por sua vez, referencia-se a uma visão de mundo específica. Como as classes e as visões de mundo, as concepções de educação existem também em número reduzido e, neste sentido, permitem agrupamentos das várias concepções de avaliação em poucos grupos.

Os números atuais mostram progresso: desde 1997, o analfabetismo caiu mais de 70% (IBGE, 2024). Mas, o trabalho continua. O Plano Nacional de Alfabetização (PNA) segue unindo esforços entre governos, provando que a EJA vai além de ensinar a assinar o nome – é sobre dignidade e mudança social. Essa história mostra que, quando a educação vira prioridade de verdade, os resultados aparecem. A estrada ainda é longa, mas cada conquista prova que é possível mudar a vida de milhões de brasileiros através da sala de aula.

Portanto, a Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) detém uma finalidade primordial no ordenamento e custeio de programas voltados para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de alfabetização. O órgão proporciona diversos recursos, entre eles o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), que inclui recursos didáticos definidos para a EJA, por meio de livros de português, matemática, ciências e história adaptados para a população adulta (Brasil, 2011).

Além disso, o FNDE promove cursos de formação continuada de docentes no qual atuam na EJA, como os disponibilizados pelo Programa Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica (Parfor), que promove capacitação para professores do ensino básico, com destaque nos requisitos da EJA, e o Programa Escola Jovem, que busca habilitar os educadores para assistir de maneira mais eficiente os alunos da EJA (Brasil, 2010; Locatelli e Diniz-Pereira, 2019).

As políticas de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA) dependem frequentemente de parcerias entre os governos federal, estadual e municipal para sua efetivação segura (Di Pierro; Haddad, 2015). Os estados e municípios possuem desprendimento para preparar os programas às suas realidades locais, levando em atenção os índices de analfabetismo específicos de cada região (Traversini, 2003). Essa cooperação permite que as ações de alfabetização sejam mais bem direcionadas às necessidades do público local.

Todavia, organizações não governamentais (ONGs) e movimentos sociais desempenham uma finalidade primária na alfabetização de jovens e adultos no Brasil (Costa; Machado, 2018). Deste modo, o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) têm sido decisivos no provimento do ensino, muitas vezes atuando em áreas rurais e comunidades marginalizadas (Souza, 2007; Sana, 2015). Esses grupos, reunidos com os programas governamentais, têm contribuído significativamente para a luta ao analfabetismo, levando a comportamento a regiões com grandes desafios socioeconômicos.

Além das ações governamentais e dos trabalhos de ONGs, a incorporação de tecnologias digitais tem se tornado um instrumento fundamental para a EJA. Programas como o E-Tec Brasil, criado em 2007, ampliaram o atendimento à educação profissionalizante por meio da educação a distância, favorecendo, principalmente, adultos que necessitam agregar trabalho e estudo (Costa; Libâneo, 2018). Assim, plataformas online e aplicativos de ensino ainda foram adaptados para o público da EJA, proporcionando flexibilidade e recursos

intuitivos que ajudam na aprendizagem (Oliveira; Silva; Silva, 2024). Essa ferramenta inovadora não só contém parâmetros mais atualizados para alfabetização, mas ainda diminui barreiras geográficas e econômicas, favorecendo que um maior número de indivíduos tenham acesso à formação continuada.

Outra ação indispensável é reconhecer a diversidade cultural e social dos discentes da EJA, que exige metodologias pedagógicas propostas e sistematizadas. Projetos como MOVA-Brasil, em conjunto com empresas e entidades civis, agregam conhecimentos locais e práticas comunitárias no processo de ensino, reforçando a identidade dos alunos (Pini, 2019). Essa relação dialoga com a teoria freireana de alfabetização crítica, na qual a leitura do mundo recorre à leitura da palavra (Freire, 1987). Ao conciliar políticas públicas a abordagens participativas, a EJA reforça não só habilidades básicas, mas ainda a independência e a cidadania, relacionando sua função como mecanismo de mudança social (Pierro; Haddad, 2015).

2.2 Desafios e motivações na Alfabetização de Jovens e Adultos

Um dos maiores interesses que nos fez embarcar nessa pesquisa foi justamente compreender profundamente quais são os motivos que fizeram e/ou fazem as pessoas se evadirem das escolas e, até mesmo, buscá-la depois de certo período, sendo o caso de nossa pesquisa com os ciclos da EJA com pais e mães, avôs e avós. E também como na atualidade a busca pela modalidade aumentou entre jovens que deveriam, pela idade, já serem alfabetizados e letrados, por terem abandonado a educação enquanto criança ou adolescentes.

Assim, apesar da EJA ser popularmente, desde o seu surgimento, conhecida por ser uma modalidade que recebe os jovens e adultos, para seu engajamento, de acordo com Haddad e Di Pierro (1988 *apud* Di Pierro, 2001), em 1971 foi implantado o Ensino Supletivo, sendo um marco para a EJA. Apesar disso, ainda enfrenta diversos desafios, desde a diferença de idade entre colegas alunos, bem como, a ausência de processos formativos direcionados às práticas educativas voltadas para o perfil desse público alvo.

Outro desafio é o tempo limitado, muitos alunos que buscam a educação nessa modalidade têm compromissos durante o dia, restando apenas noite para ir à escola, além de cuidar de seus trabalhos, de filhos, bem como realizar os afazeres importantes, o que dificulta a frequência nas aulas e o desenvolvimento dos estudos, tornando mais lento seu processo de aprendizagem.

Soma-se a isso, a vergonha e a baixa autoestima que também são grandes problemas que dificultam essa permanência ou até mesmo ingresso desses jovens e adultos nas escolas, pois muitos adultos enfrentam o constrangimento de estarem aprendendo coisas que, no senso comum, deveriam ter aprendido na infância (Silva *et al.*, 2024). A experiência de fracasso escolar ou falta de oportunidades no passado pode gerar baixa autoestima, o que afeta o processo de aprendizado e, esse estigma, pode levar ao abandono escolar, interferindo na continuação da educação e tornando a evasão escolar cada vez mais frequente (Franco, 2009; Silva *et al.*, 2024).

Quando se fala na evasão escolar Campos (2003) argumenta que essa evasão pode ser marcada como um abandono por um determinado tempo ou não e, na maioria das vezes, causada por razões de ordem social e, principalmente, econômica, ocasionando o afastamento dos alunos por

necessidades pessoais e mais urgentes no seio familiar, fato que ultrapassa a sala de aula e vai além dos muros da escola.

Nesse sentido, de acordo com Silva (2007, *apud* Araújo, 2014) enfatiza que o aluno de EJA é diferente daqueles que estudam regularmente na educação básica regular. São alunos um pouco inseguros e que carregam consigo experiências da vida cotidiana e, também, escolar, fatos que podem abalar sua autoestima. Por isso, qualquer decepção, por mínima que seja, já pode ocasionar no abandono do ambiente escolar, principalmente porque esses alunos já se sentem fragilizados por estarem nessa categoria de impotência, lidando com comentários, com a falta de apoio e, muitas vezes, desmotivação por parte de si próprio.

Mas, em contrapartida, essas experiências de vida podem ser de suma importância para o desenvolvimento social e escolar, facilitando o ensino aprendizagem a partir do momento em que o professor saiba utilizar dessas experiências e vivências para transformar em escada para a evolução do aluno na sala de aula. Assim, como a educação popular traz essa ideia de trabalhar com a população excluída, subalternos e, assim, transformar a sala de aula seja na educação formal ou não-formal em um instrumento mudança e, através da educação, proporcionar para essas pessoas uma qualidade de vida melhor utilizando o senso comum como ferramenta. Deste modo Brandão (1984, p.6), menciona que:

Ora, pensar sobre a educação popular obriga a uma revisão do sentido da própria educação. Veremos adiante por quê. Adiantemos, no entanto, uma razão. Pelo menos entre aqueles que a pensam de modo mais motivado, a educação popular parece não só existir fora da escola e à margem, portanto de uma “educação escolar”, de um “sistema de educação”, ou mesmo “da educação”, como também parece resistir a tudo isso.

Por isso, para Freire (2005), a educação popular não deve ser apenas uma transferência de conhecimento, mas, sim, um processo de construção coletiva de saberes e experiências. Ele destaca a importância da dialogicidade e da participação ativa dos educandos no processo de aprendizagem.

Todavia, é importante observar a inexistência de políticas públicas específicas para a formação de professores de EJA, além das dificuldades emocionais e estruturais, o impacto na qualidade da educação para todos os participantes foi percebido desde cedo. Muitos professores não foram preparados para trabalhar com esse público, lançando seus próprios livros didáticos para apresentar aos alunos capítulo por capítulo em vez de apenas fornecer um corpo de conhecimento, ou incorporando experiências de vida no processo educacional (Lopes; Santos, 2023). A falta de livros didáticos que possam se relacionar com a vida dos alunos e a ausência de melhorias na infraestrutura das escolas noturnas levam a mais dificuldades (Borochovicius; Tassoni, 2021).

Por outro lado, a motivação de muitos alunos da EJA vem da aspiração de melhorar suas chances de trabalho ou de atuarem como parceiros na educação de seus filhos. Pesquisas como a de Barros *et al.* (2021) revelam que pessoas mais velhas que retornam à escola, muitas vezes, ganham autoconfiança e passam a exercer um papel mais ativo no palco social. Além disso, quando a escola reconhece essas motivações as incorporam no planejamento e as implementa em sua pedagogia, resulta em um ambiente mais

acolhedor. Dessa maneira, as taxas de evasão são reduzidas e a relação entre os alunos e a educação como um todo é fortalecida (Pedralli; Cerutti-Rizzatti, 2013). Sob esse ponto de vista, os anos de educação - EJA não apenas corrigem futuros agradecimentos, mas definem um caminho na vida de cada pessoa.

2.3 A contribuição da Educação Popular na alfabetização de jovens e adultos

A educação popular é uma abordagem pedagógica que visa proporcionar a assimilação de maneira inclusiva, democrática e participativa, valorizando a participação e as experiências das pessoas, notadamente das camadas populares (Freire, 2014). Ela se diferencia do conhecimento clássico ao priorizar práticas que empoderam os indivíduos, estimulando a reflexão crítica sobre a realidade social e incentivando a reforma coletiva (Haddad; Di Pierro, 2021). Essa metodologia visa constituir cidadãos conscientes de seus direitos e engajados na disputa por direito social, sendo largamente associada a movimentos sociais e à alcance por igualdade e emancipação.

Segundo Paiva (1987) a educação era vista como um fator capaz de solucionar todos os demais problemas da nação, passando a ser percebida como o principal problema nacional que, uma vez resolvido, conduziria a solução dos demais. Mas surgiu a exclusão do analfabeto, tratando com preconceito e como elemento incapaz responsável escasso progresso do país, atrelando a educação e o analfabetismo ao voto eleitoral, sendo assim, com o analfabetismo sendo combatido, mais pessoas seriam capazes de votar e aumentaria o número de votantes e assim a educação passa a ser vista como papel importante na mudança política no país.

De acordo com Paiva (1987, p. 46):

Outra concepção da educação popular seria aquela educação destinada às chamadas camadas populares da sociedade: a instrução elementar, quando possível, e o ensino técnico profissional tradicionalmente considerado, entre nós, como ensino para desvalidos.

A educação popular desempenha um papel fundamental na alfabetização de jovens e adultos, especialmente em contextos de exclusão social e econômica. Inspirada nos princípios de Paulo Freire, essa abordagem busca empoderar os estudantes por meio de uma educação libertadora, que promove conscientização crítica sobre sua realidade (Freire, 2019). Como ressalta Paiva (2003, p.33):

A importância da educação como instrumento ideológico poderoso é muito clara tanto para os que detêm o poder quanto para aqueles que pretendem disputá-lo. A diferença, quanto a possibilidade de sua utilização, reside no fato de que os detentores do poder político se encarregam de determinar a política educacional a ser seguida, os programas a serem promovidos ou estimulados e o conteúdo ideológicos dos mesmos.

A educação popular enfatiza a alfabetização como ferramenta para melhorar a qualidade de vida, não apenas como habilidade técnica. Ela desenvolve habilidades críticas, como análise, reflexão e resolução de

problemas, e promove a autoestima, confiança e autonomia dos estudantes (Costa; Mallows; Costa, 2024). Além disso, incentiva a participação cidadã, estimulando os estudantes a se envolverem em questões sociais e políticas.

Embora existam desafios, como falta de recursos e resistência à mudança, a educação popular tem demonstrado resultados positivos em projetos bem-sucedidos, como o Movimento de Educação Popular (MEP) e o Instituto Paulo Freire. Esses projetos mostram que a educação popular pode ser uma ferramenta poderosa para promover a inclusão social e econômica, reduzir desigualdades e empoderar jovens e adultos. A obra de Paulo Freire, especialmente "Pedagogia do Oprimido" (2005) e "Pedagogia da Esperança" (1992), são fundamentais para entender os princípios da educação popular. Outros autores, como Mário Sérgio Cortella e Dermeval Saviani, também contribuíram significativamente para a teoria e prática da educação popular.

Segundo Fiori (1987, p. 6),

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Por isto, a Pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como idéia animadora toda a amplitude humana da educação como prática da liberdade.

A educação popular está presente em salas de aula, rodas de conversas, círculos de partilhas de culturas e para, que essa educação seja enfatizada em da sala de aula, deve-se tomar consciência de que assim como diz Fiori (1987, p. 10) alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura. A cultura de cada povo, de cada lugar, nos faz conhecer quem somos, qual o nosso papel na sociedade e faz-nos conhecer cada pedacinho da nossa história.

Assim, o professor deve estar aberto a partilhas de conhecimentos, do senso comum e das diversidades culturais que cada um carrega consigo e usar dessas atribuições para tornar o aprendizado ainda mais prazeroso e explorar cada uma dessas histórias para impulsionar os alunos da jornada de suas vidas.

Além disso, a educação popular se diferencia do ensino tradicional simplesmente porque considera que a vida do aluno tem realidades concretas. Com o uso de temas geradores retirados da vida deles como trabalho, família e envolvimento comunitário, o contexto de leitura torna-se significativo e relevante (Freire, 2005). Por meio dessa abordagem, jovens e adultos se assumem como participantes, ajudando a transformar a sala de aula em um espaço de troca onde o conhecimento coletivo é construído (Freitas; Forster, 2016). Deste modo, a educação deixa de ser enxergada como algo que não tem nada a ver com nossas ações ou que estão separadas.

Deste modo, a comunidade, através da educação popular na EJA, tem o poder de confirmar os laços sociais e propor a organização coletiva da comunidade (Fiori, 1987). Muitos programas inspirados na educação popular possuem diversas formas de atuação. Sendo essas associações, cooperativas e grupos de discussão não estão restritos à sala de aula e vão além do pouco que pode ser feito na escola (Santos; Capellini, 2021). E essa dimensão comunitária é de vital importância, não apenas para manter o ânimo dos alunos, mas também formar redes de apoio: através dessas, as pessoas podem ajudar a lidar com problemas como a evasão escolar (Santos; Capellini, 2021).

Desse modo, quando as pessoas sabem que seu trabalho de

alfabetização leva a melhorias concretas em suas próprias vidas e na vida da comunidade, a educação torna-se um projeto com esperança sendo compartilhado por todos, e não apenas por aqueles no topo (Costa; MalloWS; Costa, 2024). É assim que a educação popular cumpre o seu papel, não só na alfabetização, mas também como criadora de cidadãos críticos e participativos.

3. METODOLOGIA

O estudo se apresenta como uma metodologia qualitativa, de modo descritivo, para descrever os desafios e impactos da alfabetização na trajetória de estudantes da EJA. Conforme Gil (2008, p. 51), a pesquisa qualitativa é particularmente adequada para explorar realidades complexas e processos sociais. A aplicação do estudo foi realizada com 2 alunos (um homem e uma mulher) entre 25 alunos de uma escola municipal do interior da Paraíba. Portanto, a escolha dos dois participantes foi proposicional, visando compreender os distintos perfis e realidade.

Todavia a descrição das informações dos dados apresentados, aplicou-se a técnica de análise de conteúdo descrita em Bardin (1977), observando os seus ensinamentos de pré-análise, exploração do material e interpretação. O relato dos entrevistados foram verificados cuidadosamente, buscando entender os padrões e a partir de seus desafios e impactos no processo de alfabetização. Todo o procedimento metodológico seguiu os princípios ético e moral, sendo autorizado pelos entrevistados assegurando seu anonimato.

3.1 Concepção e princípio norteador da Pesquisa

A pesquisa é empregada na literatura como um estudo de campo com método qualitativo, fundamentado em Gil (2008), no qual define a pesquisa qualitativa como aquela que se concentra na interpretação dos eventos sociais a partir da avaliação dos entrevistados. O método em questão utiliza a entrevista semiestruturada, com um guia preliminarmente aprimorado no qual o instrumento é a aquisição de informações. Essa preferência metodológica é pautada pela imprescindibilidade de ampliar o entendimento sobre os relatos individuais dos discentes da EJA em relação ao desenvolvimento da alfabetização.

O estudo ocorreu em uma escola municipal do interior da Paraíba, com uma classe de EJA composta por 25 discentes. Como afirma Gil (2008, p. 112), "a amostragem intencional é fundamental em pesquisas qualitativas para garantir a riqueza dos dados". A escolha dos participantes foi proposital, selecionando 2 alunos, sendo eles, um homem e uma mulher, os quais demonstraram interesse em colaborar com o estudo.

A entrevista levou em consideração a diversidade entre as idades, o gênero e tempo de estudo, buscando compreender os dois perfis situados dentro da sala de aula. A definição por uma amostra intencional, fundamenta-se em destacar sujeitos que possam transcrever informações essenciais e importantes para os objetivos da pesquisa (Gil, 2002). A ferramenta de coleta (questionário semiestruturado) foi estruturada em duas etapas (Quadro 1, Apêndice A): perfil socioeconômico, descrevendo dados como idade, gênero, ocupação; renda

familiar e Perguntas temáticas, destacando: Motivações para voltar a estudar; Dificuldades encontradas; Impactos do ensino na vida pessoal e profissional e Percepções sobre políticas públicas e inclusão na educação.

3.2 Objetivos

3.2.1 Objetivo Geral

Analisar a importância da Educação de Jovens e Adultos, destacando seus impactos na formação pessoal, profissional e social.

3.2.2 Objetivos Específicos

- Apresentar os desafios e motivações para o ingresso na Educação de Jovens e Adultos.
- Investigar os benefícios da educação para jovens e adultos no desenvolvimento de habilidades pessoais, sociais e profissionais;
- Examinar o impacto da relação entre a educação e a melhoria das condições socioeconômicas dessa população;

3.3 Processo de produção dos dados

O processo de produção de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas nos dias 22 e 23/04/2025, com dois alunos da EJA da Escola Anália de França (um homem e uma mulher), cada uma com duração média de 30 minutos. As entrevistas, embasadas em um roteiro organizado (Apêndices A e B), foram conduzidas em horários previamente marcados na escola, garantindo o conforto e anonimato dos participantes.

O instrumento de coleta focou-se em cinco eixos temáticos centrais: motivações para voltar a estudar, histórico acadêmico, impactos da idade na aprendizagem, mudanças notadas após a voltar a estudar na EJA e cenários para o futuro. As entrevistas ocorreram na escola em horários previamente marcados, destacando o conforto e o anonimato dos participantes.

Portanto, a escolha pela entrevista, de acordo Gil (2008), facilita a versatilidade para achar novos assuntos em meio às conversas, ao mesmo instante em que mantém a atenção nos objetivos do trabalho. Os discentes foram precisamente instruídos sobre os objetivos que a pesquisa visa compreender e assinaram um termo de consentimento descritivo e esclarecido. A maturação dos dados foi observada quando as entrevistas seguintes não aumentaram as informações fundamentais aos assuntos já identificados.

3.4 Procedimento para análise dos dados

A verificação dos dados foi seguindo a metodologia de análise de conteúdo descrita por Bardin (1977), estruturada em três fases essenciais: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. Portanto, na pré-análise, as descrições das entrevistas foram lidas várias vezes para compreensão do assunto. A continuação da avaliação envolveu a classificação integral das entrevistas, com ressalva para três pontos destacados: "dificuldades em aprender", que juntou descrição sobre desafios enfrentados no meio

educacional; "mudança pessoal", que observou mudanças na sua visão e percepção dos participantes; e "barreiras socioeconômicas", no qual reuniu relatos sobre dificuldades materiais e estruturais.

A descrição dos dados ocorreu embasado no referencial teórico, destacando relações entre as experiências individuais dos entrevistados e o contexto mais amplo do ensino de jovens e adultos. A apresentação dos dados incluiu a manutenção das falas dos participantes, garantindo fidedignidade às suas experiências e percepções. Essa abordagem permitiu uma compreensão profunda dos impactos da alfabetização na trajetória dos estudantes, atendendo aos propósitos qualitativos do estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo apresentam-se os resultados a partir das entrevistas com alunos da EJA abordando seu perfil socioeconômico, contexto familiar, trajetória pessoal/educacional, motivações, desafios e impactos. Além disso, discute as redes de apoio e políticas públicas que contribuem para a vida destes estudantes.

A pesquisa contou com uma análise sistemática das vinte questões entrevistas que revelou um quadro complexo sobre os impactos da alfabetização na vida dos estudantes da EJA. Os resultados foram discutidos em seis eixos temáticos que emergiram da análise de conteúdo, sempre contrastando as experiências do homem e da mulher entrevistados.

4.1 Perfil Socioeconômico e Contexto Familiar: trajetórias de exclusão e retorno

A análise revela duas realidades diferentes. O homem, de 47 anos, maqueiro hospitalar com renda de um salário mínimo, parou os estudos na quarta série para trabalhar: "Precisava ajudar em casa, o cansaço do trabalho não me deixava ir à escola". Retornou após 22 anos incentivado por uma professora: "Ela foi na minha casa e me convenceu a tentar de novo". O Quadro 1 sintetiza informações básicas de cada participante entrevistado.

Quadro 1 - Perfil dos Participantes

Variáveis	Participante 1	Participante 2
Idade	47	34
Sexo	Homem	Mulher
Estado Civil	Casado	Solteira
Número de Filhos	3	1

Ocupação ou profissão	Maqueiro em Hospital	Dona de Casa
Renda Familiar Mensal	Um salário Mínimo	Bolsa Família
Escolaridade Anterior	4º série do ensino fundamental I	5º Ano Ensino fundamental I

Fonte: Produzido pela autora com base na entrevista, 2025.

A história educacional dos entrevistados ilustra os mecanismos estruturais de exclusão escolar. O homem, cuja trajetória foi marcada pela necessidade precoce de trabalho que afirma "tinha que ajudar em casa desde os 12 anos", representa o perfil clássico de evasão por motivos econômicos. Em seu relato destaca "trabalhava o dia todo e à noite estava cansado demais para estudar" ecoa as constatações de Campos (2003) sobre o conflito trabalho-educação.

A mulher, de 34 anos, dona de casa dependente do Bolsa Família, foi obrigada a abandonar a escola aos 16 anos: "Meu marido e a família dele diziam que mulher casada não devia estudar, que era pra cuidar da casa". Só voltou a estudar após se separar: "Minha filha me apoia, mas ainda escuto que estou velha pra estudar".

Já a mulher personifica a exclusão de gênero: "meu marido rasgava meus cadernos e dizia que mulher estudada é mulher problema". Seu caso explicita como o patriarcado opera como barreira educacional, confirmando os estudos de Saffioti (1987) sobre a educação feminina. O fato de ambos terem retornado aos estudos após décadas revela a resiliência dos estudantes da EJA e a importância de políticas de segunda chance.

4.2 Motivações e Expectativas

As motivações para o retorno apresentam nuances significativas. O homem demonstra uma perspectiva instrumental: "preciso ler instruções no trabalho e ajudar minhas filhas". Sua fala reflete a concepção de educação como capital humano (Schultz, 1961), com ênfase nos benefícios práticos.

A mulher, por sua vez, expressa motivações existenciais: "quero provar para mim mesma que sou capaz". Para ela, o espaço educacional é um reencontro de identidade ao relatar "na sala de aula me sinto pessoa de novo", a fala ilustra a dimensão identitária da alfabetização, conforme teorizado por Fiori (1987). Ambos, contudo, compartilham a visão da educação como projeto de futuro, com o homem planejando "um curso técnico" e a mulher sonhando com um curso superior de "Farmácia".

Todavia além dos avanços, é importante entender que a EJA não se configura como um ponto final, mas sim um mecanismo de acesso a novas oportunidades, quebrando procedimentos de exclusão e criando caminhos para sempre continuar estudando, se aperfeiçoando profissionalmente e socialmente, como destaca os projetos futuros descritos pelos entrevistados.

4.3. Desafios Contemporâneos e Impactos Transformadores

Os obstáculos atuais revelam a persistência de barreiras estruturais. O homem enfrenta o dilema trabalho-estudo: "perco aulas quando sou escalado para o plantão noturno". Essa fala exemplifica a inadequação dos horários

escolares para trabalhadores, problema amplamente documentado na literatura (Di Pierro, 2006).

A mulher enfrenta o estigma social: "minha cunhada diz que deveria estar cuidando da neta, não na escola". Seu caso demonstra como os estereótipos de gênero continuam a operar como obstáculos, mesmo após o retorno aos estudos. Essas narrativas confirmam os achados de Facci, Urt e Barros (2018) sobre a precarização do tempo educativo para trabalhadores, assim como a os estudos de Rieger e Alexandre (2011) sobre a dupla jornada feminina e os custos emocionais do retorno escolar tardio, presentes na vida da entrevistada.

Ambos mencionam a dificuldade com tecnologias educacionais, evidenciando a exclusão digital como nova fronteira da desigualdade educacional. Essas dificuldades tecnológicas reforçam os achados de Silva (2024) sobre o analfabetismo digital como fator de exclusão na EJA. Os relatos corroboram ainda as análises de Santos (2020) acerca da "infoexclusão" como meios de desigualdades sociais, ocasionada pela falta de acesso a esses meios tecnológicos e a capacidade do indivíduo em usá-las. Tais evidências exigem, conforme alerta Di Pierro e Haddad (2015), políticas públicas que articulem a alfabetização tradicional e digital na EJA.

No que tange aos impactos, os efeitos da alfabetização manifestam-se em múltiplas dimensões. No plano cognitivo, o homem relata: "antes não entendia as contas de luz, agora consigo calcular". A mulher destaca: "ler a bula de remédios sozinha mudou minha vida". Esses depoimentos corroboram aos achados de Kleiman (1995) sobre o letramento como prática social.

No âmbito psicossocial, o homem comenta: "na escola me sinto respeitado". A mulher relata: "ajudar outras alunas me deu confiança". Tais transformações confirmam a tese de Freire (2000) sobre a educação como prática de liberdade. Particularmente notável é o impacto intergeracional: ambos mencionam poder ajudar filhos/netos nas tarefas escolares, rompendo ciclos de exclusão.

A análise dos depoimentos revela ainda uma significativa transformação nas falas dos entrevistados. Os relatos descrevem como a experiência educacional na EJA ultrapassa a dimensão instrumental da aprendizagem, assumindo um parâmetro de existência de ressignificação pessoal (Nunes; Moura, 2019). Essa verificação subjetiva, descrita por Severo (2015) aborda que a pedagogia apresenta diversas possibilidades, destacando a funcionalidade da educação não só como mecanismos de inclusão, mas como espaço de recriação da autoimagem e fortalecimento da cidadania.

4.4 Redes de Apoio e Resistências

As trajetórias revelam a importância crucial do apoio familiar. O homem destaca: "minha esposa me acompanha nas aulas". A mulher valoriza: "minha filha cuida da casa quando tenho prova". Essas redes confirmam os achados de Haddad e Di Pierro (2015) sobre o papel das famílias na permanência escolar.

Os relatos corroboram os achados de Petró (2015) sobre a educação como projeto coletivo, onde as redes familiares se configuram como suporte fundamental. Ao mesmo tempo, demonstrando como os vínculos afetivos facilitam a permanência na EJA (Mattos; Santos 2023). Contudo, persistem

resistências. O homem relata: "no trabalho riem quando digo que estudo". A mulher desabafa: "minha irmã diz que estou fazendo papel de jovem". Essas falas ilustram o estigma social enfrentado por alunos da EJA, discutido por Franco (2009) como fator de evasão.

Essas falas dialogam com os estudos de Santos (2003) sobre os mecanismos de desqualificação social na EJA, enquanto confirmam as análises de Di Pierro e Haddad (2015) acerca da naturalização dos preconceitos contra estudantes adultos. Ambos os autores destacam como essas barreiras simbólicas perpetuam a exclusão educacional.

4.5 Políticas Públicas e Necessidades

As críticas e sugestões dos entrevistados apontam lacunas importantes. O homem propõe: "aulas aos sábados para quem trabalha em turnos". A mulher sugere: "conversas sobre direitos das mulheres". Essas demandas ecoam as recomendações de Locatelli e Diniz-Pereira (2019) para políticas intersetoriais na EJA.

A análise das entrevistas revela que as trajetórias na EJA são marcadas por interseccionalidade de classe, gênero e idade, criando barreiras complexas à educação. Os resultados mostram que a alfabetização vai além do cognitivo, atingindo dimensões existenciais e identitárias dos alunos. Todavia, as políticas atuais também erram em atender características pontuais por meio de ajuste de horários, ações afirmativas para mulheres e combate ao preconceito pela idade.

A educação popular surge como mecanismo promissor em articular alfabetização com emancipação, fortalecendo a EJA como política de igualdade que demanda maior interação com ações de emprego e renda para concretizar sua função inovadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstra que a EJA cumpre uma função eficiente no cotidiano dos estudantes, atendendo plenamente aos objetivos descritos ao destacar como a alfabetização interfere nas dimensões cognitivas, sociais e existenciais. Os principais fatos demonstram que o percurso educacional é visto por desigualdades interseccionais de classe, gênero e idade, com motivações e desafios diferentes entre o homem e a mulher.

O estudo destacou a persistência de barreiras estruturais como a incompatibilidade de horários para trabalhadores e o estigma social enfrentado por mulheres adultas estudantes, confirmando a necessidade de políticas específicas. A análise mostrou como a educação popular, ao valorizar as experiências dos alunos, se apresenta como abordagem eficaz para promover emancipação e autoestima.

O trabalho ajuda a destacar a importância da EJA como política pública de equidade, descrevendo a indispensabilidade de maior articulação com outras áreas sociais. As entrevistas reforçam que a alfabetização de jovens e adultos deve ser entendida como processo multidimensional que ultrapassa a simples aquisição de habilidades básicas.

As observações relatam que a superação dos desafios na EJA contém ações intersetoriais que contém flexibilização curricular, formação do educador específica e combate às desigualdades estruturais. A pesquisa demonstrou

ainda o potencial transformador da educação na ruptura de ciclos intergeracionais de exclusão educacional.

Por fim, o estudo confirma a relevância social da EJA ao mostrar seu impacto na autonomia, cidadania e projetos de vida dos estudantes. Os resultados apontam caminhos para políticas públicas mais efetivas que reconheçam as especificidades deste público e promovam verdadeira inclusão educacional e social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vitória Simone Azevêdo de. **Limites e desafios para a educação de jovens e adultos no Brasil: o estudo de caso da Escola Francisco Ernesto do Rêgo - Queimadas - PB.** 2014. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARREYRO, Gladys Beatriz. O "Programa Alfabetização Solidária": terceirização no contexto da reforma do Estado. **Educar em revista**, n. 37, p. 175-191, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000300012>

BARROS, Aparecida da Silva Xavier *et al.* A Educação no entardecer da vida. Ensaio: **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, p. 1115-1135, 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular.** Editora Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 248 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 30 mar. 2025.

BRASIL. Decreto Nº 4.834, de 8 de Setembro de 2003. Cria o Programa Brasil Alfabetizado, institui a Comissão Nacional de Alfabetização e a Medalha Paulo Freire, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 set. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4834.htm. Acesso em: 30 mar. 2025.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Fóruns Estaduais.** Brasil: CAPES, 2010. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor/foruns-estaduais/3387-foruns-estaduais>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BRASIL. Resolução CD/FNDE Nº 32 De 1º De Julho De 2011. Estabelece orientações, critérios e procedimentos relativos à transferência automática a

estados, municípios e ao Distrito Federal dos recursos financeiros do Programa Brasil Alfabetizado no exercício de 2011, bem como ao pagamento de bolsas aos voluntários que atuam no Programa. Programa Brasil Alfabetizado. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 jul. 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2011/resolucao-cd-fnde-no-32-de-1-de-julho-de-2011>. Acesso em: 30 mar. 2025.

BRASIL. Lei Nº 13.005, de 25 de Junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 30 mar. 2025.

BOROCHOVICIUS, Eli; TASSONI, Elvira Cristina Martins. Aprendizagem baseada em problemas: uma experiência no ensino fundamental. **Educação em Revista**, v. 37, p. e20706, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469820706>

CAMPOS, Edna Lúcia. **A infrequência dos alunos trabalhadores, em processo de alfabetização**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

CAPOVILLA, Fernando Cesar. Por um Plano Nacional de Alfabetização (PNA) capaz de respeitar diferenças de língua e constituição biológica. **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 113, p. 208-224, 2020.

CONFINTEA. **Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro**. In: V Conferência Internacional de Educação de Adultos. Hamburgo: UNESCO 1997.

COSTA, Cláudia Borges; MACHADO, Maria Margarida. **Políticas públicas e educação de jovens e adultos no Brasil**. Cortez Editora, 2018. 200 p.

COSTA, Graça dos Santos; MALLOWS, David; COSTA, Camila. ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: reflexões sobre a profissionalização dos alfabetizadores no contexto do Programa TOPA. **Revista Exitus**, v. 14, p. e024048-e024048, 2024. DOI: <https://10.24065/re.v14i1.2724>.

COSTA, Renata Luiza da; LIBÂNEO, José Carlos. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA A DISTÂNCIA: a mediação docente e as possibilidades de formação. **Educação em Revista**, v. 34, p. e180600, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698180600>

DEWEY, John F.; BIRD, John M. Origin and emplacement of the ophiolite suite: Appalachian ophiolites in Newfoundland. **Journal of Geophysical Research**, v. 76, n. 14, p. 3179-3206, 1971.

DI PIERRO, Maria Clara. Um balanço da evolução recente da educação de jovens e adultos no Brasil. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 17-30.

DI PIERRO, Maria Clara Di; HADDAD, Sérgio. Transformações nas políticas de

Educação de Jovens e Adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. **Cadernos Cedes**, v. 35, n. 96, p. 197-217, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015723758>

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, v. 21, p. 58-77, 2001.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias; URT, Sonia da Cunha; BARROS, Ana Teresa Fernandes. Professor readaptado: a precarização do trabalho docente eo adoecimento. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 2, p. 281-290, 2018.

FIORI, E. M. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRANCO, Adriana de Fátima. O mito da autoestima na aprendizagem escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, p. 325-332, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572009000200015>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21. Edição-São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 42 ed., 2005.

FREIRE, Paulo. **Escola pública e educação popular**. Política e educação. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo**. Editora Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 39 ed. Cortez editora, 2020.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de; FORSTER, Mari Margarete dos Santos. Paulo Freire na formação de educadores: contribuições para o desenvolvimento de práticas crítico-reflexivas. **Educar em Revista**, n. 61, p. 55-70, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47206>

GIL, Antônio Carlos *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Diagnóstico dos estudos e pesquisas sobre políticas, estrutura e funcionamento do ensino supletivo na função suplência: relatório final**. 1988.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Considerações sobre educação popular e escolarização de adultos no pensamento e na práxis de Paulo Freire.

Educação & Sociedade, v. 42, p. e255872, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.255872>

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade**. Brasília: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LOCATELLI, Cleomar; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Fóruns estaduais permanentes de apoio à formação docente: crônica de uma morte anunciada. **Educação & Sociedade**, v. 40, p. e0186542, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019186542>

LOPES, Eduarda da Silva; SANTOS, Rosemar Ayres dos; WIRZBICKI, Sandra Maria. **Pesquisas no ensino de ciências: reflexões sobre currículo e formação de professores**. Editora UFFS, 2023.

MATTOS, Nadia Pinto Omari; DOS SANTOS, Lilian Regina Araujo. Inclusão e permanência na EJA (Educação de Jovens e Adultos) sob olhar da afetividade. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 5, p. 851-867, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i5.9683>

NUNES, Mirian Abreu Alencar; MOURA, Maria da Glória Carvalho. Pesquisa-formação: diáde que permeia o exercício da docência em contexto socioeducativo. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 100, n. 254, p. 211-229, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.4037>

OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO – INSTITUTO UNIBANCO. Pesquisa: "9,3 milhões de brasileiros ainda são analfabetos". 2024. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/pesquisa?q=9%2C3+milh%C3%B5es+de+brasileiros+ainda+s%C3%A3o+analfabetos+>. Acesso em: 9 jun. 2024.

OLIVEIRA, Gislene Lisboa; SILVA, Tânia das Graças de Casto; SILVA, Rosângela de Bessa Barbosa. INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE GOIÂNIA. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 34, n. 1, p. 134-145, 2024.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. Edições Loyola, 1987.

PAIVA, Vanilda Pereira. **História da educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. Edições Loyola, 2003.

PEDRALLI, Rosângela; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. Evasão escolar na educação de jovens e adultos: problematizando o fenômeno com enfoque na cultura escrita. **Revista Brasileira de linguística aplicada**, v. 13, p. 771-788, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982013005000019>

PETRÓ, Vanessa. **Educação de jovens e adultos: como se constitui a influência das redes sociais no acesso e/ou na permanência dos jovens na escola?**. 2015. 211 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal

do Rio Grande do Sul, 2015.

PIERRO, Maria Clara Di; HADDAD, Sérgio. Transformações nas políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. **Cadernos Cedes**, v. 35, n. 96, p. 197-217, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015723758>

PINI, Francisca Rodrigues. Artigo-educação popular em direitos humanos no processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos: uma experiência do projeto Mova-Brasil. **Educação em Revista**, v. 35, p. e214479, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698X214479>

RIEGER, Marlise; ALEXANDRE, Ivone de Jesus. Educação de Jovens e Adultos: o retorno das mulheres à escola. **Eventos Pedagógicos**, v. 2, n. 2, p. 161-170, 2011.

ROMÃO, José Eustáquio. Avaliação: exclusão ou inclusão?. **EccoS–Revista Científica**, v. 4, n. 1, p. 43-60, 2002. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.v4i1.292>

SANA, Peter. **A dimensão educativa do pensamento e da ação de D. Adriano Hypólito nas lutas sociais da Baixada Fluminense no período da ditadura militar (1964-1985)**. 2015. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015.

SANTOS, Bruna Mascarenhas *et al.* Educação médica durante a pandemia da Covid-19: uma revisão de escopo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. Suppl 01, p. e139, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200383>

SANTOS, Camila Elidia Messias dos; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. Inclusão escolar e infraestrutura física de escolas de ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, v. 51, p. e07167, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053147167>

SANTOS, Geovânia Lúcia dos. Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA. **Revista Brasileira de Educação**, p. 107-125, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300009>

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 96, p. 561-576, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/345513545>

SILVA, Ana Paula *et al.* As dificuldades para o ingresso e permanência dos alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, 10., 2024, **Anais...** São Paulo: Editora Impacto, 2024.

SILVA, Verônica Araújo de Oliveira. **Jogos digitais e práticas de alfabetização e letramento na EJA Campo – PE**. 2024.169 f. Orientadora: Flávia Lorena Souza de Araujo. Dissertação (Mestrado em Educação de Jovens e Adultos) – Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador, 2024.

SOUZA, Maria Antônia de. A pesquisa sobre educação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nos Programas de Pós-Graduação em Educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, p. 443-461, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000300005>

TRAVERSINI, Clarice Salete. **Programa Alfabetização Solidária: o** governo de todos e de cada um. 2003. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

APÊNDICE A - PERFIL SOCIOECONÔMICO DO ENTREVISTADO**Identificação:**

Nome:

Idade:

Gênero:

Estado Civil:

Número de Filhos (se aplicável):

Situação Socioeconômica:

Ocupação atual:

Renda familiar mensal aproximada:

Escolaridade anterior (última série concluída):

Tempo fora da escola:

Contexto Familiar e Social:

Com quem mora:

Principais responsabilidades familiares:

Apoio recebido para retornar aos estudos (família, amigos, instituições):

Dificuldades enfrentadas (financeiras, emocionais, logísticas):

APÊNDICE B - ENTREVISTA

Motivação e Decisão de Retornar aos Estudos

1. No seu dia a dia, o que te motiva a voltar a estudar?
2. Como surgiu a oportunidade de retomar os estudos agora?
3. Se você é pai/mãe, o que mudou na sua vida para que essa decisão fosse possível hoje?
4. O que você espera aprender com essa nova etapa de estudos?
5. Como você acredita que a educação pode transformar sua vida pessoal e profissional?

Histórico Educacional e Desafios

6. Quais foram os principais desafios que levaram você a interromper os estudos no passado?
7. Você lembra quantos anos tinha quando parou de estudar? O que estava acontecendo na sua vida naquela época?
8. Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou para voltar à escola (financeiras, familiares, emocionais)?
9. Alguém te apoiou e incentivou a retomar os estudos? Quem e como foi esse apoio?
10. Você sentiu resistência ou julgamentos de alguém por voltar a estudar? Como lidou com isso?

Impacto da Idade e Expectativas

11. Você acha que sua idade influenciou na decisão de voltar a estudar? De que forma?
12. Como você se sente sendo um(a) aluno(a) mais velho(a) em comparação com outros estudantes?
13. Quais são seus maiores medos ou inseguranças em relação ao retorno aos estudos?

Mudanças e Benefícios do Retorno

14. Desde que voltou a estudar, o que mudou na sua rotina e na sua vida?
15. O que você já aprendeu nesta nova fase que te ajudou em algo prático? Pode dar exemplos?
16. Como seus familiares e amigos reagiram à sua decisão? Isso afetou seus relacionamentos?

Perspectivas Futuras

17. Quais são seus planos após concluir seus estudos atuais?
18. Como você imagina sua vida daqui a 5 anos após essa conquista?
19. Se pudesse dar um conselho para alguém que quer voltar a estudar mas tem medo, o que diria?
20. O que a escola ou instituição de ensino poderia fazer para ajudar alunos como você?

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a nossa Senhora por sempre ouvirem minhas orações e não me desampararem. Agradeço a intercessão de Ir. Noemi Cavagna, por todas as vezes em que lhe chamei em oração, ela em sua infinita misericórdia intercedeu a virgem Maria e a Deus por mim.

Agradeço imensamente a minha mãe por toda dedicação, por todo ensinamento e por não me permitir desistir, pois foi por ela que eu me dediquei para hoje estar onde estou e ir mais além. Sem seu apoio eu não seria quem sou e não enfrentaria todas as batalhas que já enfrentei por você enfrentaria mil vezes mais.

Agradeço às minhas irmãs por me apoiarem incondicionalmente e ao meu pai, que nos seus dias de tranquilidade, foi essencial para minha caminhada.

Por fim, agradeço a meus avós Verônica e Luiz, que durante sua passagem na terra, me fizeram acreditar que sonhar é o caminho para a realização, vó Vera partiu sem que eu pudesse mostrar minha foto formada, e vovô Luiz foi meu exemplo de pai e homem honrado e dedicado, mesmo com sua rotina cansativa de trabalho na roça, ainda assim ia para escola a noite, e com orgulho mostrava sua escrita para os filhos e netos. Ele me deixou sem que antes eu pudesse dizer que agora também sou professora.

A vocês, que sem nem imaginar, fizeram minha caminhada se tornar mais leve, que nos dias de tempestade foram meu sol, obrigada por me ajudarem a chegar até aqui.